

29-04-2025

OPERAÇÃO POLICIAL, AÇÃO MAL SUCEDIDA E LUCRATIVA

Cristiano Galvão

[Diretor de Saúde - Sindicato dos Correios/RJ]

O título, propositalmente contraditório, tem a intenção apenas de apresentar uma opinião sobre as ações policiais que acontecem nas favelas do Rio de Janeiro. Ações que ocorrem sob alegação de que o estado está "*combatendo a violência*" em busca de criminosos em áreas consideradas de alto risco e que por isso "*justificam*" o uso de blindados, helicópteros e força policial sempre sujeita aos excessos de uma ação tensa e perigosa. Sabemos que as forças de segurança não necessitam estar sob tensão para cometerem seus excessos. A situação do estado não eclodiu agora, é fruto de uma série de relaxamentos e permissividades. Chegaram a tal ponto que temos receio de que o Rio não volte ao estado normal, embora eu não saiba se aqui já teve essa normalidade. Na opinião de quem mora nas favelas tais ações só trazem mais transtornos aos moradores, pois, prejudicam a rotina da comunidade impedindo as pessoas de chegarem ao trabalho, fechando postos de saúde e escolas, além de aumentar a tensão local tornando o lugar um verdadeiro barril de pólvora. Perturba-se ainda mais a vida dos moradores e, por várias vezes, suas famílias são destruídas numa proporção maior do que a dos que o estado diz combater. O mundo inteiro sabe que dentro de favela não tem fábrica de armas nem laboratórios de drogas, tudo que chega lá é pra ser revendido no varejo e a maior parte do lucro voltar para as mãos dos que para lá levaram tais "materiais". Com tais manobras, os agentes da indústria da propina ganham rios de dinheiro sem terem suas vidas, nem de seus familiares, ameaçadas por trocas de tiros de fuzis, metralhadoras ou qualquer outra arma de grande poder de destruição. Constantemente, pessoas que não têm ligações com o crime são baleadas em tais operações e o índice de mortos é alto. Não irei me debruçar nas frias estatísticas, pois a violência dessas operações com seus terríveis tiroteios não se resume à gravidade das balas que alvejam os corpos de moradores, ou dos que trocam tiros. Independente de contra quem estejam atirando, o efeito dos tiroteios também atinge o psicológico de quem sofre dentro de casa: no horror da preocupação com o filho que saiu pra escola; com a mãe que saiu pra trabalhar; o filho que está na rua porque foi levar o irmão na escola; o esposo que acabou de sair; e os pais que deixaram os filhos em casa ou na creche e, no trabalho, ouvem pelo jornal que a polícia está fazendo operação na favela onde mora! É impossível não sentir um aperto no coração (mesmo somente lendo). A sensação de medo ultrapassa os limites das paredes das casas e das ruas ao redor da favela, pois, embora a potência de um tiro tenha um longo poder de alcance, o abalo emocional é ilimitado. O medo de receber uma notícia trágica chega a ser igual à dor de quem a recebe. Nessas horas, o choque é cruelmente democrático, o dano é igual para todos, independentemente de ter sido ou ter parente baleado. Quem tem laços com a localidade sofre na mesma proporção. Podemos imaginar os impactos que sofrem as crianças e pessoas com autismo! Os idosos, pessoas com deficiência mental ou física que têm dificuldade de locomoção, bebês, crianças recém nascidas, deficientes visuais, dentre outros. E mesmo as pessoas sem dificuldades ou distúrbios físicos ou mentais ficam abaladas e os problemas de saúde certamente ocorrerão. Infelizmente, tais operações policiais, embora aceitas e erroneamente estimuladas por parte inconsequente da nossa sociedade, acarretam aos moradores das favelas do Rio de Janeiro, ou de

qualquer outro lugar, um misto de intolerância e preconceitos de classe e raça. Sabendo que a maioria da população local é preta e pobre, se acham livres para agirem como querem e cerceiam seus direitos de buscarem saúde, educação e mesmo direito a trabalhar. Invadem casas sem mandatos, suspeitam pela cor da pele e aparência; destroem patrimônios quando atingem casas e automóveis de moradores que lutam para sobreviver, a maioria trabalhando por baixos salários fugindo de desemprego; tratam com truculência quem encontram pelo caminho deixando um lastro de antipatia e desrespeito à dignidade humana; ignoram a vida alheia e pisoteiam os direitos humanos, comportando-se como algozes tiranos pela motivação banal de se mostrarem ignorantes. Tais situações, embora pareçam absurdas, não se tratam de exageros, são frutos de conversas em comum diante de inúmeras situações, assim como também são absurdas as justificativas dos chefes de "segurança pública": "*...favela é área de risco, zona de conflito, território dominado pelo tráfico...*"! Porém, a venda no atacado não é feita na favela. Os agentes da propina ganham muito fazendo-as lá chegar e são certamente muito lucrativas. Nada passa nas fronteiras sem permissão, nada é transportado sem que alguém disfarce o material, não se negocia sem autorização. É óbvio que cada apreensão de material obriga os varejistas a contatarem os atacadistas em suas coberturas e mansões que emprestam suas empresas para lavarem a fortuna que a favela produz constantemente. Boa parte da grande mídia também lucra com suas coberturas alarmantes se referindo à "novidade" da operação do dia. Diante de tal dilema, muitos perdem um valor que não se tem como calcular, pois vida e saúde não se paga. Enquanto outros simplesmente lucram vendendo, apreendendo e revendendo, ainda que tiranizando, causando feridas nas carnes e mentes, levando temor e causando sofrimento para continuarem a usufruir dos benefícios que a propina proporciona. Alguns dizem que se trata de uma guerra, mas em meio a essa tal guerra existe muita negociação e os lucros vão para ambos os lados. Inimigos negociam? É preciso citar que as baixas acontecem de ambos os lados. Mas é preciso levar em conta que policial que vai pra favela trocar tiro não é oriundo de família rica, não é filho de empresário nem mesmo de um pequeno burguês, também são filhos de gente pobre, muitos também moraram em favelas. Para estes sobram as migalhas e as duras penas do combate. A diferença é que enquanto uns são treinados e morrem uniformizados, outros aprendem no susto e morrem descalços, talvez questionando se vale a pena se render. Não é incomum em debates sobre segurança questionarem o tratamento a que os chefes do crime submetem seus "soldados" e também parte de moradores das regiões sob seu comando e procurem encontrar justificativas para determinadas ações do Estado. Esquecendo-se ou ignorando que o papel do Estado é proteger o cidadão, tratar com dignidade, educar, garantir saúde e seus direitos. Diante disso nada justifica o estado agir também como marginal. Um Estado que oferece truculência e desrespeito vai receber o mesmo, porém, numa proporção maior, pois a população é muito maior em número de habitantes do que de agentes públicos. A indústria da arma propagandeia que a sociedade precisa se armar visando apenas o lucro das vendas com o falso discurso de que é preciso enfrentar a marginalidade. Ora, se temessem isso, ou se a violência servisse para educar, já teriam entregado as armas a muito tempo. O que combate à violência é escola com professores bem pagos, bem preparados, bem assistidos. É oferta de escolas e creches de horário integral, cursos profissionalizantes para a juventude e encaminhamento a empresas parceiras do Estado, sobretudo com salário decente. É óbvio que essa é uma ponderação das muitas que o Estado sabe mas não faz, propositalmente talvez, pois, não gerariam o lucro que as ineficazes e lucrativas operações garantem aos que vampirizam nossa sociedade.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.